

## **Fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento infantil no contexto de uma relação abusiva-coercitiva em cárcere privado e isolamento social**

Mariana Antunes di Lucia<sup>1</sup>, Renata Miguel Ferreira Borges<sup>2</sup>, Thaís Cabral Albigo<sup>3</sup>

<sup>1-3</sup> Graduandas de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

### **Resumo**

Este artigo teve como objetivo analisar de que forma o isolamento social, a relação abusiva-coercitiva e o vínculo afetivo em contexto de sequestro e cárcere privado influenciam no desenvolvimento infantil. A análise objetivou uma compreensão mais contextualizada acerca do vínculo afetivo entre mãe e filho e dos comportamentos resilientes frente à exposição a situações de violência parental e isolamento social enquanto fatores potencializadores e adversos ao desenvolvimento infantil. Para tanto, foi realizada uma observação crítica do filme “O Quarto de Jack”, por meio de três categorias de comportamento: vínculo afetivo, comportamentos resilientes e relação abusiva-coercitiva. A partir da análise realizada constatou-se que a relação abusiva-coercitiva e o isolamento social se constituem como fatores de risco para o desenvolvimento infantil. No entanto, a existência de um forte vínculo afetivo entre mãe e filho possibilita o desenvolvimento de comportamentos resilientes, essenciais para que a criança, quando livre do cárcere privado, seja estimulado a exercitar sua plasticidade cerebral e adaptar-se frente a novas circunstâncias, contribuindo para a promoção do desenvolvimento e aprendizagem.

*Palavras-chave:* desenvolvimento infantil; fatores de risco e proteção; vínculo afetivo; comportamento resiliente; relação abusiva-coercitiva.

## Introdução

O processo de construção e transformação contínua que se manifesta ao longo da vida do sujeito é caracterizado como desenvolvimento humano. Durante o ciclo vital, essa dinâmica ocorre por meio das interações entre as características biológicas individuais - crescimento e maturação, e as condições que envolvem o meio ambiente ao qual o indivíduo é exposto - e sociedade, relações sociais e cultura (Papalia & Olds, 2000; Rogoff, 2006). O desenvolvimento é um curso que abrange elementos relacionados com os diversos campos da existência, tais como o psicológico, morfológico, emocional, cognitivo, motor, cultural, fisiológico e social. Desta forma, os seres humanos se apresentam como um organismo integrado, em que a maturação, a experiência e a cultura são componentes que se fundem na ontogenia (Dessen & Guedea, 2004).

A fim de ser estudado, o ciclo vital pode ser dividido em períodos tais quais a infância, a adolescência, a adultez emergente, a adultez e a velhice. O enfoque do presente estudo se dará no desenvolvimento que consta o período da infância, parte fundamental do desenvolvimento humano. Por englobar os anos iniciais de vida, é nesse intervalo em que, a partir da interação genética com as influências do meio em que a criança vive, molda-se a arquitetura cerebral do sujeito (Mustard, 2009 como citado em Souza & Veríssimo, 2015). Acerca da infância, há determinados fatores de risco e de proteção que exercem influência no processo de desenvolvimento infantil, podendo prejudicá-lo ou potencializá-lo. Dentre eles, é possível citar o isolamento social e a relação abusiva e coercitiva como fatores ambientais que afetam prejudicialmente o desenvolvimento psicossocial, sociocognitivo e moral de crianças. Já o vínculo afetivo, principalmente entre pais e filhos, se apresenta como importante fator protetor que contribui para a resiliência em situações adversas (Maia & Williams, 2005).

### **Período da infância**

A psicologia do desenvolvimento reconhece atualmente a influência do período pré natal, da concepção ao nascimento do bebê, em todo o posterior ciclo de vida. Fatores como doenças crônicas, ingestão de álcool, desequilíbrio hormonal e estresse por parte da gestante, principalmente no período crítico, entre a 3ª e 8ª semana de gestação, atuam sobre o desenvolvimento fetal por meio da hereditariedade, que em conjunto com o ambiente, irão programar as potencialidades do feto. Dentre as experiências vivenciadas pela mãe, destaca-se o estado emocional, visto que, o estresse materno intenso durante a gestação está relacionado com problemas de saúde física e de comportamento desde a infância até a fase adulta, como predisposição a desenvolver distúrbios psiquiátricos e apresentar excesso de irritabilidade e choro (Davidof, 2001).

De acordo com Papalia e Feldman (2013), a infância enquanto etapa do ciclo de vida humana pode ser dividida, utilizando como critério o desenvolvimento típico das dimensões físicas, cognitivas e psicossociais de cada faixa etária. Dessa forma, os subperíodos da infância compreendem: primeira infância (do nascimentos até 3 anos de idade), segunda infância (3 a 6 anos de idade) e terceira infância (de 6 à 11 anos). Em decorrência do objetivo proposto, o presente artigo abordará com maior ênfase as duas primeiras fases.

A primeira infância caracteriza-se por ser um período crítico e sensível do neurodesenvolvimento em que habilidades cognitivas, psicossociais e linguísticas começam a ser desenvolvidas e formam-se vínculos afetivos com pais e outras pessoas. Por período crítico, compreende-se um intervalo de tempo específico em que um determinado evento ou sua ausência causa um impacto específico sobre o desenvolvimento. Por período sensível, refere-se a um momento do desenvolvimento em que o indivíduo está particularmente receptivo para certos tipos de experiência. Os períodos diferem pois os efeitos de privação no período crítico se configuram como mais graves do que se ocorridos no período sensível.

Ambos os conceitos são importantes para a compreensão de que existem determinados momentos em que o sistema nervoso está mais suscetível a adquirir certas informações, demonstrando uma predisposição à aprendizagem. Contudo, não deve-se considerar a possibilidade de aprendizagem somente nestes períodos pois, a plasticidade cerebral, embora tenha seu auge nos primeiros anos de vida, possibilita a capacidade de responder a experiências durante todo o ciclo vital (Bee & Boyd, 2011 a; Papalia & Feldman, 2013). Ao que se refere à segunda infância, crianças entre três a seis anos aprimoram suas habilidades psicomotoras, suas compreensões de emoções e autoconceito e permanecem apegadas com seus pais, mas ocorre um aumento da independência e autonomia, fazendo com que as relações com outras crianças tornam-se mais importantes (Papalia e Feldman, 2013).

### **Fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento infantil**

Para além dos aspectos maturacionais, biológicos e genéticos dos períodos da infância citados, se faz necessário analisar fatores ambientais, contextuais, culturais e as influências não normativas, bem como a interação entre influências organismo-ambiente. Nesse cenário, marcado por uma teia inter-relacional de interações intra e extrafamiliares, observa-se um conjunto de fatores que constituem risco ou proteção ao desenvolvimento infantil.

Segundo Reppold et al. (2002 como citado em Maia & Williams, 2005) os fatores de risco são variáveis que conferem maior probabilidade de ocorrência de resultados considerados prejudiciais ou negativos ao indivíduo. Dentre tais fatores, caracterizam-se os comportamentos que podem comprometer o bem-estar, a saúde e o desempenho social.

Entende-se como fatores de risco ao desenvolvimento infantil todas as modalidades de violência doméstica, a saber: a violência física, a negligência e a violência psicológica, sendo que a última inclui a exposição à violência sexual (Azevedo & Guerra, 1989; Maia & Williams, 2005). Quanto a esta última, tem-se tornado cada vez mais comum nos lares e configura-se como relação abusiva e coercitiva. Nesse contexto, a tradição patriarcal

ocasionou em um padrão de violência contra mulheres, designando ao homem o papel “ativo” na relação social e sexual entre os sexos, ao mesmo tempo em que restringiu a sexualidade feminina à passividade e à reprodução. Com a posição do homem enquanto provedor, a dependência financeira feminina parecia explicar a aceitação de seus “deveres conjugais”, que incluíram o “serviço sexual”(Dantas-Berger & Giffin, 2005).

Uma criança que nasce em um ambiente familiar violento encontra-se mais vulnerável a fatores de risco ao seu desenvolvimento, pois, de modo geral, mesmo não sendo vítima direta da violência, esta pode apresentar problemas em decorrência da exposição aos conflitos diretos entre os genitores - sendo estes atrelados a uma dinâmica conjugal ou não. Os efeitos da observação da violência podem ser entendidos com base na teoria da Aprendizagem Social, teoria que sustenta que padrões aprendidos por crianças em um lar violento agem como modelos de como se comportar em interações sociais (Bandura, 1976 como citado em Maia & Williams, 2005). Outros fatores de risco ao desenvolvimento biopsicossocial da criança incluem a falta de vínculo parental nos primeiros anos de vida, baixo desempenho escolar e evasão (Ministério da Saúde, 2002 como citado em Maia & Williams, 2005) entre outros, bem como o isolamento social traduzido na falta de contato da criança com a comunidade externa.

O isolamento social na infância deve ser alvo de atenção pois representa um padrão de respostas inibidoras da aquisição de comportamentos adaptativos que podem provocar problemas de ajustamento durante todo o ciclo de vida. As crianças socialmente isoladas poderão estar em risco na aquisição de linguagem, valores morais e modo de expressar sentimentos de agressividade, sendo que as consequências negativas podem persistir ao longo do tempo (Carvalho, 2006).

Em contraponto, pode-se definir os fatores de proteção como “recursos pessoais ou sociais que atenuam ou neutralizam o impacto do risco” (Eisenstein & Souza, 1993, pp. 19-

20, como citado em Sapienza & Pedromônico, 2005). Desse modo, o suporte social e um autoconceito positivo podem servir de proteção contra os efeitos do estresse e da vulnerabilidade em seus diversos níveis (Sapienza & Pedromônico, 2005). Garmezy (1985) classifica os fatores de proteção em três categorias: atributos disposicionais da criança - atividades, autonomia, orientação social positiva, autoestima, preferências, etc); características da família - coesão, afetividade e ausência de discórdia e negligência etc) e fontes de apoio individual ou institucional disponíveis para a criança e a família - relacionamento da criança com pares e pessoas de fora da família, suporte cultural, atendimento individual, como atendimento médico ou psicológico, instituições religiosas, etc.

Desse modo, a capacidade para estabelecer relações próximas com pessoas significativas é um aspecto essencial do desenvolvimento humano. Os primeiros laços afetivos da criança são estabelecidos com seus pais ou cuidadores, através do processo de apego (Maia & Williams, 2005), o qual constitui um importante fator de proteção ao desenvolvimento infantil. A sensibilidade dos pais para responder às necessidades da criança e a qualidade da interação entre ambos contribuem para o desenvolvimento de um senso de confiança e segurança, que servirá como base para o conhecimento e a exploração do ambiente (Maia & Williams, 2005). Assim, as experiências de apego desenvolvidas entre a criança e seus cuidadores servem como um modelo para os próximos relacionamentos. Bowlby (1982, 1989) denomina este processo como modelo interno de funcionamento, no qual a criança constrói uma imagem de si mesma e de seus pais, que governará o que ela sente em relação a ambos (Bowlby, 1984a; 1989, como citado em Maia & Williams, 2005). Este modelo interno de funcionamento desenvolvido durante a primeira infância evolui na medida em que a criança cresce, passando a fazer parte de sua personalidade, transformando-se em uma representação mental da relação de apego, que tende a persistir por toda a sua vida (Maia & Williams, 2005).

Portanto, a proximidade emocional, a maneira como os pais se relacionam com a criança e as práticas de socialização utilizadas por eles, favorecem o desenvolvimento de uma relação de apego segura (Maia & Williams, 2005). Tal relação proporciona o desenvolvimento de características pessoais importantes, como autoestima, empatia e competência social. Da mesma forma, facilita o estabelecimento de redes de apoio social e afetivo, uma vez que a primeira relação de apego serve como um modelo para os próximos relacionamentos. Assim, as primeiras relações entre a criança e seus cuidadores se constituem em fontes potenciais de proteção, que podem minimizar os efeitos das adversidades e favorecer resiliência.

Assim sendo, estudar os fatores de risco e proteção em interação com aspectos maturacionais torna-se essencial para que o processo de desenvolvimento infantil possa ser estimulado em multiníveis e precavido de fatores que possam prejudicar sua potencialidade. O presente artigo objetiva, assim, analisar de que forma o isolamento social, a relação abusiva-coercitiva em contexto de sequestro e cárcere privado e o vínculo afetivo entre mãe e filho influenciam no desenvolvimento infantil, tendo por objetivos específicos a caracterização da influência do contexto de cárcere privado e isolamento social para o desenvolvimento infantil, somado à relação abusiva e coercitiva apresentada pelo sequestrador para com os sequestrados, a identificação do vínculo afetivo entre mãe e filho, bem como a análise do comportamento de resiliência de mãe e filho frente às adversidades no contexto do isolamento, visando compreender de que forma tais condições exercem influência no desenvolvimento infantil.

## **Método**

### **Lócus**

A elaboração do artigo transcorreu por meio da análise do filme “O Quarto de Jack” (2014) - dirigido pelo cineasta irlandês Lenny Abrahamson - e se propõe a estudar os fatores

de risco e proteção ao desenvolvimento infantil no contexto de uma relação abusiva-coercitiva em cárcere privado e isolamento social. O filme em questão foi assistido pelas três autoras do presente artigo e está disponível na internet, cujo link encontra-se na seção das referências.

O longa-metragem de gênero drama é fundamentado no romance homônimo de 2010 (baseado num caso real), escrito pela irlandesa Emma Donoghue, que adaptou a obra para a linguagem cinematográfica. O filme relata a história de Joy e seu filho Jack, um menino de cinco anos que nasceu após dois anos do sequestro da mãe, a qual foi confinada e estuprada num quarto durante sete anos. O sequestrador Velho Nick os mantém em cativeiro num pequeno cômodo de sua casa, onde mãe e filho permanecem isolados da realidade externa e da vida social. O único contato com o mundo exterior se dá através da claraboia do quarto, que permite que observem a luz do sol, o céu e as folhas das árvores.

### **Participantes**

A fim de se realizar a análise do filme, focou-se em três protagonistas da trama e dois coadjuvantes que possuem relações sociais significativas com os personagens principais.

#### *Joy*

Interpretada por Brie Larson, Joy é uma mulher branca, com cabelo comprido castanho claro e vigoroso senso de proteção e resiliência. Tinha 17 anos quando teve sua liberdade privada por um homem posteriormente denominado de Velho Nick, o qual havia solicitado que Joy o ajudasse com seu cachorro. Ele a engana, a sequestra e a mantém confinada durante sete anos em um quarto de sua casa, em que recorrentemente a viola sexualmente. Após cerca de dois anos, Joy engravida e nasce um menino, nomeado Jack. Apesar da realidade desumana que vivenciam, Joy é capaz de criar, por intermédio de leituras, brincadeiras e atividades físicas,

uma ambientação menos lamentosa para Jack, ainda que seja um recurso desesperado para proteger o filho em meio ao sofrimento e à resignação.

### *Jack*

Interpretado por Jacob Tremblay, Jack é um menino branco, com cabelo castanho e longo. A criança nasce e cresce no confinamento do pequeno quarto, sem que haja contato com o mundo externo. Seu imaginário é composto pelo cômodo ao seu entorno (e os objetos que o local contém: livros, móveis, brinquedos e televisão), pela sua mãe (Joy) e pelo Velho Nick, seu progenitor. Jack, com cinco anos, é um menino criativo, que narra o filme de forma lúdica. É através da perspectiva de uma criança que se desenvolveu num ambiente livre de estímulos externos e cerceada de demais contatos sociais, que parte da história se apresenta.

### *Velho Nick*

Interpretado por Sean Bridgers, Velho Nick é um homem branco, com cabelo curto castanho escuro, barba, óculos e aparentemente 45 anos. Responsável pelo sequestro de Joy, a confina num quarto de sua casa e com ela mantém relações sexuais não consentidas ao longo de sete anos. Após dois anos, Jack nasce e cresce sem que haja vínculo ou proximidade entre a criança e seu progenitor. Semanalmente, o Velho Nick fornece mantimentos alimentícios para Joy e Jack. Diariamente, ao final do dia, se apresenta no quarto a fim de violentar Joy.

### *Avó*

Interpretada por Joan Allen, a mãe de Joy e avó de Jack é uma senhora branca, com cabelo comprido loiro e aparentemente 60 anos. Após a filha se salvar do cativo e retornar para casa, não apresenta dificuldades em demonstrar carinho e aceitar Jack como seu neto e parte da família, desenvolvendo com ele uma relação afetiva entre neto e avó.

### *Avô*

Interpretado por William H. Macy, o pai de Joy e avô de Jack é um senhor branco, com cabelo curto loiro e aparentemente 67 anos. Após a filha fugir do cativo e retornar para casa, apresenta grandes dificuldades em aceitar o menino como seu neto e parte da família. O avô não consegue olhar para Jack, se afastando da criança e não desenvolvendo uma relação afetiva com o neto.

### **Procedimento**

Para realizar o estudo do filme, três categorias de análise foram criadas, baseadas na fundamentação teórica estruturada a partir da história do longa-metragem. Focou-se nos temas referentes ao vínculo afetivo entre mãe e filho, ao comportamento de resiliência apresentado por ambos frente às adversidades no contexto de cárcere privado e isolamento social, assim como na relação abusiva-coercitiva apresentada pelo sequestrador para com as pessoas mantidas em cativo. A escolha e definição das categorias se deu em função da relevância dos temas, com o objetivo de se analisar por partes as complexidades das temáticas apresentadas no enredo. Por meio das categorias de análise, torna-se possível estudar a respeito das influências exercidas pelos fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento infantil no contexto de uma relação abusiva-coercitiva em cárcere privado e isolamento social.

Para a análise, as autoras selecionaram cenas pertinentes à escolha prévia das categorias, de modo tal que, exemplificassem os conteúdos trabalhados no decorrer do artigo. A fim de fundamentar os assuntos, houve também a articulação com livros, textos e artigos acadêmicos.

### **Categorias de comportamento**

*Vínculo afetivo:* relação de duração relativamente longa em que os indivíduos são importantes um ao outro por estabelecerem laços únicos. Desse modo, não é possível que ocorra, entre outros indivíduos, uma mesma relação - com mesmas características e

especificidades. Nesse laço há também o desejo de manter proximidade com o sujeito, pois há uma ligação emocional na relação. Do vínculo afetivo pode decorrer o apego, a sensação de proteção e o conforto consequente da presença do parceiro, que mantém a proximidade e o cuidado, sendo base segura para relações com outros indivíduos (Bee & Boy, 2011c). O vínculo afetivo e o apego podem se dar entre mãe e filho, tendo como indicadores desse laço: gestos de afeto, carinho e proximidade física (abraços e beijos), cuidado, preocupação com o bem-estar e atenção à saúde do outro - proporcionando a realização de atividades físicas e uma dieta saudável - reações de choro e tristeza ao se separarem, comunicação não violenta (verbal e não verbal) - utilizando-se de palavras que denotam carinho e acolhimento, brincadeiras e atividades lúdicas, entre outros.

*Comportamento resiliente:* conjunto de atitudes, condutas e ações de enfrentamento, adaptação e superação frente a situações adversas em que há bons resultados e desempenho apesar de ameaças, sofrimento e dificuldades experienciadas. Comportamentos resilientes podem se estabelecer, desse modo, como fatores protetores que facilitam o enfrentamento de adversidades e vulnerabilidades. Como exemplo, tem-se o comportamento resiliente de um adulto que, mesmo em um ambiente adverso, proporciona à criança, atividades lúdicas como brincadeiras, conversas e leituras. Ao mesmo tempo, se preocupa com a qualidade da alimentação e com a prática de exercícios físicos, que estimulam o desenvolvimento infantil em diferentes aspectos, visando o equilíbrio físico e mental da criança ainda que em contexto nocivo (Maia & Williams 2005; Bee & Boy, 2011a).

*Relação abusiva-coercitiva:* relação não consentida em que o poder está concentrado em somente um dos integrantes, sendo o outro submetido a situações de violência (física, psicológica, financeira, sexual, patrimonial), ameaças, humilhações, perda de autonomia e liberdade, assim como violações dos direitos humanos. A vítima dessa relação pode experimentar sofrimento e efeitos negativos à saúde física e mental, como o prejuízo nas

habilidades intrapessoais e interpessoais. Alguns indicativos podem ser: choro, perda de interesse pela vida, sensação de submissão, reações físicas de retração, sintomas de depressão, machucados corporais, entre outros. Tal relação pode prejudicar também indivíduos que não são alvo direto das violências, mas que vivenciam e observam essa relação abusiva-coercitiva por conviverem no mesmo ambiente em que a vítima. Logo, essa relação caracteriza-se como influência ambiental/social que prejudica o desenvolvimento humano e sua potencialidade (Maia & Williams, 2005).

## **Resultados e discussão**

### **Construção da análise**

A análise foi realizada a partir da observação de cenas do filme “O Quarto de Jack”, visando destacar elementos que contribuem para a discussão acerca de fatores de risco e proteção ao desenvolvimento infantil, salientando, entre eles, o vínculo afetivo, o comportamento resiliente e a relação abusiva-coercitiva apresentados ao longo do filme. Cabe ressaltar que o filme aborda tanto os fatores de risco - cárcere privado, isolamento social e relação abusiva-coercitiva - quanto o vínculo afetivo e o comportamento resiliente - fatores protetores essenciais ao desenvolvimento infantil no contexto retratado e que dá enfoque principal para Joy, mãe de Jack, e para Jack, criança de cinco anos de idade.

Em decorrência do objetivo geral e específicos do presente artigo, o enfoque maior será dado para cenas em que Jack participa e interage, não ignorando, no entanto, cenas que Joy ou outros personagens aparecem, por entender que estes trechos também são contribuintes aos objetivos da análise. O filme não possui uma ordem cronológica definida, visto que inicia com Joy e Jack sequestrados e em cativeiro, para que, ao longo do filme, seja apresentada a história e razão dos personagens se encontrarem em tal cenário. Desse modo, a

análise começou seguindo o enredo do filme, o qual inicia com Jack e Joy seguindo sua “rotina” em cárcere privado.

Após a saída do cativeiro, é visível a influência do isolamento social e privação de liberdade no desenvolvimento psicossocial, moral e sócio emocional de Jack, uma vez que este, ao encontrar outros indivíduos no período que sucede sua saída do galpão, demonstra dificuldade em interagir socialmente com outros além de sua mãe. Contudo, com o passar do tempo, o vínculo entre Jack e Joy, o acompanhamento com um psicólogo e a criação de vínculo entre Jack e sua avó, apresentam-se como fatores essenciais para que Jack demonstre comportamentos resilientes e para que seu desenvolvimento seja reparado, estimulado e protegido.

Desse modo, a análise foi construída com o objetivo de relacionar as categorias de comportamento previamente definidas, com cenas do filme que demonstram indicadores de vínculo afetivo, de comportamentos resilientes e indícios e efeitos da relação abusivo-coercitiva no contexto de isolamento social e cativeiro, com enfoque na influência que exercem ao desenvolvimento infantil de Jack.

### **Situações de vínculo afetivo**

Tendo em vista a conceituação feita anteriormente sobre vínculos afetivos como laços emocionais entre indivíduos que pode também se constituir como apego, será analisado primeiramente o vínculo afetivo e o apego entre os personagens Joy e Jack, entendendo tanto seus comportamentos e características subjetivas quanto a relação e interação estabelecida entre ambos. Para tanto, inicialmente serão destacadas cenas selecionadas para que estas sejam posteriormente analisadas a partir de referenciais teóricos.

O longa-metragem retrata a história de sequestro de Joy, que, após dois anos em cativeiro, engravida e dá à luz a Jack, como consequência da violência sexual exercida por Velho Nick. A contextualização inicial envolve o ambiente (galpão relativamente pequeno em

que ambos vivem e realizam todas as suas atividades diárias, sendo este o único espaço conhecido por Jack), e a rotina dos personagens envolvidos, Joy e Jack - alimentam-se juntos, praticam atividades juntos, tomam banho, têm momentos de descontração, brincam, contam histórias e se deparam com a chegada do Velho Nick todas as noites, o qual semanalmente entrega alimentos e produtos que precisam.

Na primeira cena, Jack, após acordar ao lado de sua mãe na cama, revela a ela que é seu aniversário de cinco anos; a mãe então, traz o filho para perto de si, sorri e lhe abraça, demonstrando seu vínculo afetivo por meio do carinho e proximidade física. Joy sugere que seja feito um bolo como forma de comemorar o aniversário do filho; logo depois, preparam juntos o bolo, deixando Jack muito contente. Ao longo do dia, a mãe ainda realiza outras atividades com Jack, como a prática de exercícios físicos, alongamentos corporais, yoga e corrida (de curta distância, por conta do pequeno espaço em que se encontram), sempre com bom humor por parte de Joy, o que torna o momento não somente estimulante ao desenvolvimento físico de Jack, mas também fortalecedor do vínculo entre mãe e filho. Ao final do dia, os personagens, no momento do banho, brincam de “guerra de água” na banheira - o que faz com que Joy e Jack se divirtam e dêem gargalhadas.

Em um estudo de revisão de literatura, Maia e Williams (2005) discorrem acerca dos fatores de risco e proteção ao desenvolvimento infantil. Entre os fatores de proteção, definidos como influências estimulantes das potencialidades do desenvolvimento que atuam como protetores de situações adversas prejudiciais à infância, as autoras ressaltam a construção de vínculo afetivo de qualidade entre a criança com pelo menos um adulto responsável, geralmente mãe ou pai, o apoio e monitoramento parental, e a demonstração contínua e segura de afeto. Para além desse laço, o vínculo afetivo com um cuidador alternativo, como avós, também se caracteriza como fator de proteção, pois tal relação pode

oferecer à criança um importante suporte e apoio emocional em situações estressantes, promovendo a autonomia e confiança da criança (Maia & Williams, 2005).

Compreendendo que o vínculo afetivo pode ser demonstrado através de proximidade física, demonstrações de afeto e carinho, como abraços, beijos, atenção e cuidado ao bem estar do outro, através da análise iniciais do filme referido, que retratam a “rotina” de mãe e filho em cativeiro, pode-se afirmar que a relação entre Joy e Jack, seu filho, é caracterizada por um forte vínculo afetivo e grande apego de Jack por sua mãe. A qualidade e a duração das interações, como apontado por Kumpfer e Alvarado (2003, como citado em Maia & Williams, 2005) também são importantes elementos para o aumento do vínculo. Desse modo, por Joy e Jack terem seu convívio limitado ao quarto, os personagens acabam por passar todo seu cotidiano juntos. Além disso, a qualidade da interação e a responsividade da mãe para com o filho também é vista nas atividades diversas que Joy propõe ao filho.

Durante o período após fugirem do galpão, a adaptação ao novo lar trouxe aos recém-libertos várias alegrias, mas também alguns conflitos. Em um primeiro momento, Jack demonstra estranheza e resistência ao cenário complexo ao qual fora apresentado, especialmente às tentativas de aproximação de sua avó. Joy também vivenciou os deleites e frustrações de retornar para a casa da mãe, visto que experienciou uma disputa de autoridade entre sua mãe e avó, o que deixou o menino aflito. Com o passar do tempo, Joy começa a se desentender com a família, demonstrando desinteresse até pelo filho, que quase sempre brincava sozinho. A saúde emocional de Joy fica cada vez mais abalada, até que ela tenta suicídio. Como consequência desse episódio, Joy é internada em uma clínica de reabilitação e lá permanece por alguns dias. Jack, ao receber uma ligação da mãe ainda internada, demonstra raiva e insatisfação, exigindo que ela voltasse para casa.

De acordo com a Teoria do Apego de Bowlby e Ainsworth, esse comportamento de Jack frente a situação de distanciamento da mãe, configura-se como característico de uma

relação de apego, subtipo de vínculo afetivo no qual a presença do outro acrescenta um sentimento especial de segurança. Nos anos iniciais da criança essa relação também é marcada por certa dependência emocional, ao passo que diminui ao longo do desenvolvimento (Bee & Boyd, 2011c). Desse modo, Jack, principalmente por interagir somente com sua mãe, desenvolve um forte apego com Joy, que, mesmo que se constituía como um apego seguro, gerava impactos emocionais negativos sobre o garoto diante do afastamento da figura materna.

Ao longo do período em que Joy está fora, sua mãe vai, aos poucos, se aproximando de Jack. Em uma das cenas que retrata essa interação afetiva, ambos preparam bolinhos, e Jack relata à avó um episódio em que ele e a mãe prepararam, no quarto, seu bolo de aniversário de cinco anos. Também demonstra ter saudades do velho galpão e dos bons momentos que passou com a mãe, que segundo ele, “sempre esteve lá”. Outra cena que mostra o suporte familiar oferecido à Jack por sua avó – e também pelo atual marido dela, com quem residia – é quando Jack conhece o cão de seu “avô postiço” e, rapidamente, se conecta com ele, construindo uma relação de amizade, importante suporte afetivo à saúde emocional do menino em meio a um ambiente familiar paradoxal. Jack, portanto, estabelece um novo vínculo afetivo, como forma natural e espontânea de tentar suprir a falta da mãe. Por fim, o menino decide cortar o cabelo e pede que a avó o faça. Após a avó cortar o cabelo do neto, ela ouve de Jack um “eu te amo, vovó”, e reage positivamente com um “eu te amo também, Jack”, acariciando-lhe o cabelo. Dessa forma, por meio da análise de Teoria do Apego de Bowlby e Ainsworth (Bee & Boyd, 2011c) e da importância de relação de vínculo com familiares como avós (Maia & Williams, 2005), pode-se afirmar que Jack e a avó materna constroem uma relação de apego afetuoso e seguro, a qual constituiu um importante fator de proteção ao emocional do menino enquanto esteve afastado da mãe, tendo como base a relação primária entre mãe e filho desenvolvida no Quarto.

### **Comportamentos resilientes de Joy e Jack**

Por comportamentos resilientes, categoria também conceituada anteriormente, refere-se a resiliência psicológica, definida como a capacidade universal que permite ao sujeito a possibilidade de minimizar ou superar os efeitos nocivos de adversidades, passando por um processo de transformação pessoal. O indivíduo que vivencia situações adversas não sairá ileso, visto que todas as experiências modificam a psique e os comportamentos humanos. No entanto, a capacidade de superação dessas adversidades, por meio de um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que auxiliam em um desenvolvimento saudável, também é possível de ocorrer (Minello & Arend, 2012). De acordo com a Associação Americana de Psicologia (APA), fatores como o relacionamento positivo com ao menos um adulto significativo, inteligência emocional e habilidade de lidar com o estresse, podem ajudar a proteger o desenvolvimento, constituindo-se portanto, como comportamentos resilientes que atuam na superação dos aspectos adversos à infância e juventude (Maia & Williams, 2005).

Para além do fortalecimento e construção constante do vínculo afetivo, percebe-se que Joy também realiza estimulação linguística, cognitiva, moral, física e sócio emocional, como demonstrado em cenas em que a mãe solicita a Jack que tome suplementos multivitamínicos, realize atividades físicas, escove os dentes após as refeições (sob sua supervisão) e em que a mãe conta histórias para o filho. Joy também faz medições da altura do filho (para acompanhar seu crescimento) e determina um horário limite para que Jack assista à televisão, preocupando-se com a saúde física e mental de seu filho. De forma geral, nota-se o estabelecimento de uma rotina supervisionada por Joy e com regras positivas, garantindo a disciplina, a organização, a autonomia e certo nível de independência de Jack, mesmo se encontrando em tal situação adversa. Tais práticas educativas familiares positivas, como o uso adequado da atenção, o estabelecimento condizente de regras, o acompanhamento e a

supervisão das atividades de lazer, o cuidado com a saúde e a segurança da criança, a comunicação positiva e efetiva sobre valores da família, são essenciais para um desenvolvimento infantil positivo, como citado por Maia e Williams (2005), pois colaboram para o desenvolvimento da empatia, da generosidade e da responsabilidade, que auxiliam na formação de comportamentos resilientes.

Importante destacar que, inicialmente, Joy não conversa com o filho sobre a situação a que estão submetidos. Desse modo, Jack não tem consciência de que, graças ao Velho Nick, ambos estão presos no galpão, privados de liberdade, não desconfiando também que Velho Nick seja seu progenitor. A atitude de Joy ao não contar a dura verdade para seu filho representa um dos comportamentos resilientes da personagem, pois assim Jack é protegido e não precisa lidar com tamanho sofrimento, mesmo que, ao não lhe contar, Joy se sinta mais desamparada e sozinha.

Outro comportamento resiliente de Joy é explicitado na cena em que, após mãe e filho cozinham juntos o bolo de aniversário de Jack, o menino questiona acerca de “onde estão as velas?”, dizendo que, “sem velas acesas, não pode ser um bolo de aniversário de verdade”. Jack critica a mãe, demonstrando-se frustrado e irritado. Após os questionamentos do filho, Joy respira fundo e pede desculpas por não terem velas acesas no bolo, explicando a situação calmamente. A partir desse ponto, se inicia um diálogo essencial para ilustrar a resiliência de Joy: Jack insiste na falta das velas enquanto Joy tenta distrair o foco do filho para o bolo, lhe dizendo que ainda sem velas acesas, trata-se de um bolo. Jack reage e responde, de forma agressiva e com gritos, que não irá comer o bolo. Joy então desvia o olhar do filho, respira profundamente, levanta os ombros e depois os solta quando expira, buscando manter a paciência com Jack e com o fato de não poder/querer contar a verdade sobre o Velho Nick e sobre seu sequestro. Após isso, Joy se aproxima de Jack e lhe dá um abraço. O menino reage bem e abraça a mãe de forma recíproca, permanecendo em silêncio e de olhos fechados,

indicando certo conforto com o afeto; a mãe, sem que Jack veja (pois está posicionada com o rosto para frente), revira os olhos e depois os fecha, demonstrando estar cansada. Contudo, permanece abraçada com o filho. Depois disso, ambos se divertem tomando banho e brincando de guerra de água na banheira.

Através da referida cena, demonstra-se a capacidade de Joy de, mesmo frente à uma discussão e a um comportamento agressivo de Jack (gritar e responder de forma ríspida), manter a paciência e serenidade para lidar com a situação, respirando fundo e demonstrando afeto e empatia com o filho. Percebe-se que o cárcere privado e a relação abusiva coercitiva vivenciada afeta também Joy, uma vez que esta foi/é a vítima direta de abusos e violências. Entretanto, mesmo enfrentando o sofrimento de ser sequestrada e vítima de estupro - engravidando em decorrência dessa violência - Joy desenvolve alguns comportamentos resilientes que minimizam os impactos do contexto em que se encontram e consegue criar um vínculo afetivo forte com Jack. Tais atitudes são essenciais tanto para sua saúde mental como para o desenvolvimento de Jack em seus mais variados aspectos.

Quanto aos comportamentos resilientes de Jack, faz-se necessário ressaltar que, por ter nascido já dentro desse contexto e nunca ter experienciado outros ambientes e situações além da que se encontra, sendo privado de um convívio social além de sua mãe, Jack acreditava que o quarto, os objetos nele, sua mãe e o Velho Nick, resumiam todas as possibilidades de existência e de vida. Dessa forma, quando sua mãe lhe conta que o mundo não se resume ao quarto, de que o Velho Nick, na verdade, trata-se de seu sequestrador, e de que existem pessoas e animais diversos, Jack encontra dificuldade em entender e imaginar o mundo além do quarto, negando a realidade.

Os impactos desse contexto e a importância dos comportamentos resilientes de ambos os personagens são demonstrados mais nitidamente quando Jack e Joy conseguem fugir do cativeiro e são resgatados. Inicialmente, Jack “saí” do quarto sozinho após plano de fuga de

Joy, e, ao ser exposto a primeira interação social no mundo externo, Jack, embora instruído por sua mãe sobre como proceder quando encontrasse alguém confiável, não consegue falar ou mesmo se expressar não verbalmente para pedir ajuda. A presença de alguém desconhecido, a necessidade de se comunicar e os estímulos sensoriais atrapalham e deixam o menino perdido. Mesmo não conseguindo se comunicar, o desconhecido protege a criança e chama a polícia.

Jack apresenta dificuldade de comunicação verbal e de interação social ao ser resgatado pela polícia, não conseguindo estabelecer uma conversa ou manter contato visual com a policial que o interroga. O menino não é capaz de se concentrar, pois experiencia uma série de estímulos aos quais não está habituado (luz solar direta, barulhos diversos, pessoas conversando, sons desconhecidos, etc). Após diversas tentativas, a policial consegue incentivar Jack a contar seu nome e mais algumas informações; isso se faz essencial para que sua mãe seja resgatada.

Tais dificuldades sociais e linguísticas também são demonstradas quando, após serem resgatados e levados à um hospital, Jack reage com medo e esquiva às tentativas de contato social e interação que não são as com a mãe. Contudo, cabe ressaltar uma importante fala do médico do hospital sobre Jack e seu desenvolvimento: “O mais importante foi tê-lo tirado enquanto ainda está plástico”. Por meio dessa frase, o médico retrata a necessidade de se destacar um importante elemento no desenvolvimento de Jack, mesmo frente às situações vivenciadas: a plasticidade cerebral. Como retratado anteriormente, a plasticidade cerebral se refere à habilidade do cérebro de se adaptar, readaptar e modificar sua organização estrutural e seu funcionamento (Bee & Boyd, 2011b, 2011d). Desse modo, a plasticidade cerebral (aspecto neuropsicológico) é base para comportamentos resilientes (aspectos psicossociais).

Mesmo com as dificuldades iniciais no desenvolvimento da cognição social e socioemocional, Jack, após ser recepcionado e recebido na casa dos avós, estabelece vínculo

afetivo com a avó e com seu avô posição, sendo também acompanhado por um psicólogo e exposto a diversos estímulos para além daqueles que Jack presenciava no quarto, começa a desenvolver avanços na interação social, nas habilidades linguísticas e passando a não demonstrar esquivas, medo e ansiedade social. Isso ocorre pois, como citado por Carvalho (2017), crianças em idade de 3 a 5 anos (faixa etária em que Jack se encontra) possuem uma janela de oportunidade que proporciona o desenvolvimento das funções executivas - conjunto de habilidades que permitem a seleção de informações, o planejamento, o monitoramento, a flexibilidade cognitiva e a consolidação da memória. Mesmo que estas habilidades possam ser prejudicadas por fatores de risco ao desenvolvimento, como a negligência, o abuso e diversas violências, se estiverem também amparadas por fatores protetivos, como o vínculo afetivo e a estimulação ao desenvolvimento, por meio da neuroplasticidade e flexibilidade, a criança está hábil para mudar de perspectiva e ajustar-se às demandas e prioridades do ambiente (Carvalho, 2017; Maia & Williams, 2005).

Logo, é possível analisar que, mesmo no contexto de isolamento social e relação abusiva-coercitiva, Jack, por estar amparado por fatores de proteção, de estímulo, afeto e educação, tem os efeitos adversos ao desenvolvimento minimizados e superados, demonstrando a flexibilidade frente ao seu processo de adaptação no mundo além do quarto e nas interações sociais com indivíduos diversos.

### **Relação abusiva-coercitiva entre Velho Nick e Joy e efeitos no desenvolvimento de Jack**

Considerando o embasamento teórico apresentado previamente a respeito dos fatores de risco ao desenvolvimento infantil, faz-se pertinente analisar tanto a relação abusiva-coercitiva entre o Velho Nick e Joy, quanto como essa dinâmica reverbera para Jack. De acordo com as diretrizes de 2002 do Ministério da Saúde (Maia & Williams, 2005), identificam-se alguns principais fatores de risco ao desenvolvimento da criança, que são decorrentes da interação familiar.

Para discorrermos sobre o tema, o enfoque se dará aos itens: “a) famílias baseadas em uma distribuição desigual de autoridade e poder”, “c) famílias com nível de tensão permanente, manifestado por dificuldades de diálogo e descontrole da agressividade” e “d) famílias nas quais não há abertura para contatos externos” (Maia & Williams, 2005, p. 7), por irem ao encontro das situações às quais o filme aborda, referentes ao convívio sob tensão, às demonstrações de agressividade, aos variados tipos de abuso e ao contexto de cárcere privado e isolamento social.

Perante o cenário e enredo do filme, é primordial que adaptamos essa conceituação, pois a interação que se estabelece entre Velho Nick, Joy e Jack, não é uma relação com caráter de entidade familiar. Os integrantes compõem, na teoria, o que segundo Danda Prado (1991) é conhecido como família nuclear. Porém, não se trata de dois adultos que se uniram por motivações tais quais: vínculo psíquico, físico, emocional, social, político ou espiritual e, devido a relações sexuais ocorridas entre o par, geraram um descendente (Fontana, 1998). Na prática, no contexto da história do filme, não há, em momento algum, relações ou vínculos que se criam e estabelecem deliberadamente por parte de Joy para com Velho Nick. Desde o sequestro, evidentemente a relação de convívio que se criou entre os dois não ocorreu por meios consentidos. Após o enclausuramento, o sequestrador recorrentemente abusou sexualmente de Joy, que veio a conceber Jack. Ao longo dos cinco anos de existência do menino, Jack não se relaciona nem desenvolve vínculo afetivo com seu progenitor, dadas as circunstâncias.

Diante da complexidade das relações que se estabelecem e pelas características violentas com as quais se apresentam, caracteriza-se então o convívio entre Velho Nick e Joy como uma relação abusiva-coercitiva. Abusiva, por haver de modo consciente por parte de Velho Nick, ações amparadas no desnível de poder, que acarretam em consequências negativas para Joy e Jack. Coercitiva, pela interação entre Velho Nick e Joy, pautada na força

e na violência física e psicológica. Por meio da ameaça e da intimidação, o sequestrador apresenta comportamentos agressivos - a exemplo, o abuso sexual ao qual Joy é exposta - que em detrimento de proteger o filho, se resigna perante à realidade imposta. Desta forma, Jack nasce e cresce num ambiente em que a agressividade, o abuso de poder e a violência parental é habitual, ou seja, constata presencialmente a violência que ocorre entre o par genitor, configurando uma situação que se constitui como forma de maus-tratos à criança (Cardoso, 2012). Soma-se ainda, o contexto de cárcere privado e isolamento social ao qual estão inseridos, em que não há a possibilidade de contato social com o meio externo. Caracterizam-se, portanto, alguns fatores de risco que prejudicam o desenvolvimento pleno de Jack na primeira e segunda infância, indo ao encontro dos itens “a”, “c” e “d”, destacados pelo Ministério da Saúde.

Observa-se de forma mais explícita a relação abusiva-coercitiva entre Velho Nick e Joy por meio de algumas cenas específicas. Normalmente pela noite, o sequestrador costuma entrar no quarto em que Jack e sua mãe vivem. Estando habituada a essa rotina, Joy se prontifica a colocar Jack para dormir cedo, escondendo-o numa cama adaptada dentro do armário que consta no cômodo. A intenção da mãe é a de evitar, na medida do possível, que a criança fique exposta à violência sexual a qual ela já sabe que sofrerá.

No primeiro momento em que os três personagens aparecem juntos, Velho Nick adentra o local e Jack permanece quieto dentro do móvel, mesmo após acordar. A criança ouve atentamente a conversa dos adultos, sentando-se na cama para espiar pela fresta do guarda-roupa. O sequestrador vê o bolo de Jack e o associa com o aniversário do menino. Enquanto mastiga uma fatia do bolo, diz a Joy que ela deveria ter o avisado sobre o aniversário da criança, pois caso soubesse, levaria um presente. Em seguida, tira as calças enquanto pergunta a Joy quantos anos Jack estava fazendo, questionando se seriam quatro. Jack, de dentro do armário, responde de modo que ninguém o ouça, que está fazendo cinco

anos. Em seguida, Velho Nick começa a abusar sexualmente de Joy e Jack adormece. Após Velho Nick sair do quarto, Joy carrega o filho para dormir na sua cama.

Num segundo momento, o sequestrador entra no quarto trazendo pacotes com alimentos. Ao sentir um cheiro forte, questiona Joy acerca do que aconteceu, e ela responde que deixou a comida queimar - por não ter pensado direito. Ele retruca dizendo que pensar não é um ponto forte dela, e prontamente concorda com o sequestrador. Quando ela confere os alimentos recebidos, indaga sobre as vitaminas que ele deveria trazer, e ele lhe responde que são um desperdício de dinheiro. Após Joy insinuar que as vitaminas seriam irrelevantes se ela e o filho tivessem uma boa alimentação, Velho Nick a adverte dizendo que Joy deveria parar de reclamar e agradecer, como em seguida o faz. Nas cenas descritas, evidenciam-se comportamentos verbais de caráter abusivo; e em ambas, Joy concorda com o sequestrador e não reage à situação, a fim de evitar maiores conflitos.

Prosseguem com a conversa e Velho Nick confessa que está desempregado há meses. Joy indaga se ele não irá procurar um novo trabalho, e Velho Nick reage aos berros, movendo-se abruptamente de forma agressiva, respondendo que não existem outros empregos. O barulho assusta Jack, que novamente espiava pela fresta do armário. Percebendo que o menino estava acordado, Velho Nick se aproxima e oferece balas à criança, a fim de atrair seu interesse. Nesse instante, pela postura corporal retraída e expressões apreensivas de Joy, nota-se o desconforto da mãe com a possível aproximação de Velho Nick com seu filho, pois receava que o sequestrador pudesse vir a fazer mal também a Jack. Com o intuito de interromper a intenção de aproximação de Velho Nick, Joy recorre a chamar o sequestrador para a cama. Ele se impressiona com o chamado e rapidamente acata. Percebe-se aí, uma das várias vezes em que a mãe se sujeitou a passar por situações de desconforto, abuso e violência, em virtude de proteger Jack.

Na mesma noite, enquanto Velho Nick dormia ao lado de Joy, Jack sai do armário e, curioso, se aproxima de Velho Nick para observá-lo. Ele acorda e cumprimenta o menino, chamando-o de filhão. Joy rapidamente desperta num sobressalto e diz aos berros, para que Velho Nick ficasse longe e não encostasse no garoto. Ao mesmo tempo, tenta conter o homem fisicamente. O sequestrador reage berrando e pronuncia xingamentos, fazendo com que a criança se assuste com a movimentação dos adultos e volte correndo para o armário. A seguir, Velho Nick vai até Joy, e com seu peso em cima dela, imobiliza-a na cama e a asfixia, ordenando que ela parasse de fazer barulhos. Ele pergunta se ela quer respirar e diz que para isso, ela precisa calar a boca. Velho Nick então a solta, e Joy fala mais uma vez para que ele não viesse a tocar em Jack. Em sequência, o homem exprime uma ameaça, dizendo que caso Joy encostasse novamente nele tentando contê-lo - em defesa do filho - ele a mataria. Após Velho Nick deixar o cômodo, Jack sai do armário chorando e vai ao encontro da mãe, desculpando-se por tê-la desobedecido e saído do guarda-roupa. Joy, machucada e assustada, consola o filho. A partir daí, Jack passa a enxergar Velho Nick de forma negativa.

### **Considerações finais**

Com base no conteúdo explicitado no presente artigo, o filme “O Quarto de Jack” demonstrou-se como um instrumento de observação bastante coerente com estudos que investigaram fatores de risco e proteção ao desenvolvimento infantil. A compreensão da relação abusiva-coercitiva em contexto de isolamento social, o vínculo afetivo entre mãe e filho, bem como os comportamentos resilientes demonstrados por ambos foram bem desenvolvidos no filme, pois o enredo construiu-se na articulação entre o contexto dos personagens principais e o retorno ao mundo fora do cárcere.

Diante da produção do presente trabalho, embasado na análise psicológica e sociocultural do filme “O Quarto de Jack”, foi possível compreender alguns aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil, bem como os fatores de risco e proteção

associados. Dentre os fatores de proteção analisados, destacamos a importância das relações de apego seguro, sobretudo entre mãe e filho, como base fundamental para a construção de um comportamento resiliente em situações desafiadoras. Por meio de brincadeiras lúdicas, narração de histórias, exercícios corporais, gestos de amor e momentos de descontração entre Jack e Joy, o contexto degradante no qual ambos estavam inseridos tornou-se mais suportável. Também ficou evidente a influência dos fatores de risco no comportamento social e emocional dos protagonistas após anos em cárcere privado. Nesse contexto, a relação abusiva-coercitiva estabelecida entre o sequestrador (Velho Nick) e Joy (mãe de Jack), além dos impactos negativos sobre a integridade da vítima, constituía um potencial perigo ao desenvolvimento psíquico e afetivo de Jack, tendo em vista sua natural vulnerabilidade a essa situação.

Compreendendo que fatores ambientais e contextuais como os retratados no artigo podem prejudicar o desenvolvimento infantil, faz-se necessário, dentre outras medidas, a avaliação psicológica de crianças e adolescentes em situação de risco como um dos principais mecanismos de suporte emocional e social a esses grupos vulneráveis. Nas últimas duas décadas, vários instrumentos e métodos promissores foram desenvolvidos para aplicabilidade na avaliação psicológica com populações em situação de risco. São instrumentos (testes e entrevistas padronizadas) que avaliam uma série de variáveis tais como redes de apoio social, estilos atribucionais, autoestima, coping (estratégias para lidar com problemas), nível de exposição a fatores de risco, ajustamento emocional, desempenho acadêmico, bem-estar subjetivo e qualidade de vida, entre outros (Hutz & Silva, 2002). Nesse sentido, é indispensável conhecer essa população, compreender seu contexto desenvolvimental e saber como abordá-los. Para isso, o psicólogo deve adotar uma postura de autoavaliação constante, sem pretender impor seus valores e jamais julgar o comportamento de quem está sendo avaliado. Diante dessa avaliação, é necessário repassar informações, fazer encaminhamentos

e agir eficazmente quando situações graves são detectadas. A fim de que isso seja possível, quem trabalha ou pesquisa com essa população deve estar familiarizado com os princípios éticos que regem essa atividade e também com os recursos disponíveis na comunidade (Hutz & Silva, 2002).

Além disso, faz-se necessário o estímulo ao desenvolvimento de competências psicossociais como fatores de proteção às pessoas em situações de risco ou vulnerabilidade. Segundo Del Prette & Del Prette (2006, como citado em Cunha & Rodrigues, 2010) competência psicossocial refere-se à capacidade de associar emoções, pensamentos e comportamentos a metas pessoais e circunstanciais, visando consequências satisfatórias para o sujeito e em suas relações com os outros. Neste caso, ações preventivas e promocionais de saúde são prioritariamente voltadas para crianças e jovens, pois seus hábitos, atitudes interpessoais e estilo de vida ainda estão sendo formados e, portanto, são mais flexíveis e receptivos às mudanças psicossociais (Cunha & Rodrigues, 2010).

Conforme Silva et al. (2005, como citado em Cunha & Rodrigues, 2010) promover competências e capacidades individuais e coletivas, no lugar de destacar somente os danos e prejuízos, bem como reconhecer a escola, a comunidade e as famílias como espaços de formação de competências, constituem importantes ferramentas de promoção à saúde psíquica, social e emocional de sujeitos, principalmente crianças e adolescentes em contexto de risco. Tais competências abrangem, dentre outros fatores, a educação de habilidades para a vida, para autoestima, para o senso de responsabilidade e confiança. Portanto, o debate envolvendo o desenvolvimento de competências em crianças e adolescentes como fator de proteção e promotor de saúde faz-se pertinente e necessário, pois vincula-se à uma adaptação social mais saudável e à capacidade para aquisição de características importantes para o desenvolvimento (Cunha & Rodrigues, 2010).

Por fim, como observam ainda os autores, o processo de assistência à saúde de pessoas psicológica e socialmente fragilizadas envolve o estabelecimento de parcerias, atuações intersetoriais e participação popular, efetivando políticas públicas que respondam, garantam e protejam de forma mais integradora às necessidades das famílias e comunidades vulneráveis. Abrange, portanto, ações que incluem os contextos físico, social, cultural, econômico e político, visando potencializar o desenvolvimento infantil (Cunha & Rodrigues, 2010).

### **Referências**

- Bee, H. & Boyd, D. (2011a). Questões Básicas no Estudo do Desenvolvimento. In: A criança em desenvolvimento. Artmed
- Bee, H. & Boyd, D. (2011b). Desenvolvimento Físico. In: A criança em desenvolvimento. Artmed
- Bee, H. & Boyd, D. (2011c). Desenvolvimento de Relacionamentos Sociais. In: A criança em desenvolvimento. Artmed
- Bee, H. & Boyd, D. (2011d). Reflexões sobre Relacionamentos: Desenvolvimento sociocognitivo e moral. In: A criança em desenvolvimento. Artmed
- Cardoso, D. F. da C. P (2012) A Percepção Social da Violência Interparental. Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto, PT, Portugal. Recuperado de [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3338/3/DM\\_17389.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3338/3/DM_17389.pdf)
- Carvalho, R. G. G. (2006). Isolamento social nas crianças: propostas de intervenção cognitivo-comportamental. *Revista Iberoamericana de Educación*, 40(3), 1.
- Carvalho, C. F. de (2017). Programa de estimulação das funções executivas: contribuições para o desenvolvimento cognitivo em crianças em situação de vulnerabilidade e expostas ao manganês. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

- Cunha, N., & Rodrigues, M. C. (2010). O desenvolvimento de competências psicossociais como fator de proteção ao desenvolvimento infantil. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2(1), 235-248.
- Dantas-Berger, S., M. & Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(2), 417-425.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000200008>
- Davidoff, L. L. (2001). Introdução à Psicologia. 3 ed. São Paulo: Pearson.
- Dessen, M. A., & Guedea, M. T. D.. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 15(30), 11-20.  
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100004>
- Fontana, D. (1998). Psicologia para Professores. Editora Loyola: São Paulo. Recuperado de [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3338/3/DM\\_17389.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3338/3/DM_17389.pdf)
- Hultz, C. S.; Silva, D. F. M da. (2002). Avaliação psicológica com crianças e adolescentes em situação de risco. *Avaliação Psicológica*, 1, 73-79.
- Maia, J. M. D., & Williams, L. C. de A.. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13(2), 91-103.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2005000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200002&lng=pt&tlng=pt).
- Minello, I. F., & Arend Birrer, J. (2012). Da adversidade à reflexão: o comportamento resiliente de multiprofissionais da saúde. *Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria*, 5(2),354-372. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273424461012>
- Papalia, D.E.; Olds, S.W.; Feldman, R.D. (2006). Desenvolvimento humano. 8a. ed. Porto Alegre: Artmed
- Papalia, D. E.; Feldman, R. D. (2013) Desenvolvimento Humano (12a. ed.). Porto Alegre: ArtMed.
- Prado, D. (1991). O que é família?. Editora Brasiliense: São Paulo

Sapienza, G. & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em estudo*, 10(2), 210-216.

<https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000200007>

Souza, J. M. de, & Veríssimo, M. de L. Ó R.. (2015). Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(6), 1097-1104.

<https://doi.org/10.1590/0104-1169.0462.2654>